

## Introdução

sociologia industrial e desenvolvimento econômico

Juarez Rubens Brandão Lopes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, JRB. Introdução: sociologia industrial e desenvolvimento econômico. In: *Sociedade industrial no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 8-15. ISBN: 978-85-9966-277-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Introdução: sociologia industrial e desenvolvimento econômico

As interrelações da ciência social com a sociedade são múltiplas e sutis. A sociologia industrial, que se desenvolveu neste século nos países economicamente adiantados, mormente nos Estados Unidos, formula problemas e apresenta respostas, que correspondem à realidade imediata de que trata, sendo mais especificamente válidos para tais países<sup>1</sup>. Assim, somente nos últimos anos, principalmente devido a uma crescente preocupação naqueles países com o “terceiro mundo”, é que aí surgiram formulações de problemas e estudos com maior relevância às sociedades em vias de desenvolvimento.

Realizaram-se nos Estados Unidos, a partir do segundo quartel deste século, estudos de caráter empírico e objetivos práticos sobre grupos de trabalhadores, considerados por muitos como o início da sociologia industrial moderna desses trabalhos merecem destaque, pela influência que exerceram e ainda exercem, aqueles feitos na fábrica Hawthorne em Chicago, sob a orientação de Elton Mayo<sup>2</sup>. Na série de pesquisas

---

<sup>1</sup> Não queremos dizer que deste condicionamento das ciências sociais pela estrutura social resulte sempre uma problemática adequada ao que é importante na sociedade em questão. Pelo contrário, parece-nos claro que a problemática que surge, tanto o que é colocado como problema como o que é ignorado, precisa para ser compreendida de ser vista na sua fundamentação social. A análise penetrante de Arthur K. Davis, por exemplo, mostra as determinantes sociais do alheamento da sociologia americana dos problemas de real importância na sociedade, assim como da separação entre, de um lado, a teoria sociológica de natureza estática, abstrata, não histórica (juntamente com trabalhos quantitativos minuciosos de pequenos grupos e outros que tais) e, do outro lado, o estudo de problemas sociais marcado pela superabundância de dados empíricos e pelo baixo nível de generalização. Uma coisa e outra, reforçadas pelas éticas que Davis denomina de “neutralidade” e de “ciência não ideológica” dos cientistas sociais, contribuem “para a estabilidade da ordem social existente”. Arthur K. Davis, “Social Theory and Social Problems: Fragments for a Philosophy of Social Science”, *Philosophy and Phenomenological Research*, vol. XVIII, n.º 2 (dezembro de 1957), p. 190-208.

<sup>2</sup> O primeiro relato desses trabalhos foi feito por Mayo em *The Human Problems of an Industrial Civilization*, Nova Iorque: Macmillan Co., 1933. Os resultados completos das pesquisas da Hawthorne (Western Electric) acham-se descritos em F. J. Roethlisberger e W. J. Dickson, *Management and the Worker*, Cambridge: Harvard University Press, 1939 e T.

conduzidas naquele estabelecimento, passou-se de uma perspectiva em que, para a compreensão do comportamento no trabalho (e em especial da produtividade), enfocavam-se tão-somente o indivíduo e as condições físicas de trabalho (a duração do esforço físico, a iluminação etc.), para outra, na qual o centro de interesse era o grupo e se emprestava particular relevo às atitudes do trabalhador para com a própria tarefa, a mestria e a empresa. Desenvolveu-se, com esse e outros estudos, uma orientação que veio a ser conhecida como escola ou perspectiva das “relações humanas no trabalho”. Ela se caracteriza pelo interesse na “organização informal”: a estrutura e funcionamento dos grupos surgidos espontaneamente durante o trabalho, as suas bases, as normas e valores que manifestam, e o seu comportamento. A visão que emerge, segundo Gouldner<sup>3</sup>, é a da empresa como “sistema natural”, como um “todo” orgânico, exibindo uma estrutura não planejada, que resulta da intenção dos indivíduos que dela fazem parte. A própria mudança da estrutura da empresa é encarada como processo que ocorre naturalmente, sem relação estreita com o que é deliberado. A “organização formal”, definida em contraposição à “informal”, e que se expressa nos documentos oficiais da companhia (organograma, regulamento, ordens de serviço etc.) é relegada a segundo plano. Os estudiosos desse grupo deixam de lado igualmente, não merecendo a atenção e a investigação cuidadosa que dedicavam aos pequenos grupos de trabalho, os temas clássicos da sociologia industrial européia: a formação e a condição da classe operária, a estrutura e o funcionamento da organização sindical<sup>4</sup>. O interesse prático pela resolução dos “problemas” do trabalho na empresa e a preocupação com o desenvolvimento de técnicas administrativas que os sanem, tais como as referentes à chefia e ao moral da organização, ressaltavam de todas as pesquisas desse grupo<sup>5</sup>.

---

N. Whitehead, *The Industrial Worker*, 2 vols., Cambridge: Harvard University Press, 1938.

<sup>3</sup> Alvin W. Gouldner, “Organizational Analysis”, *Sociology Today: Problems and Prospects* (org. por R. K. Merton, L. Broom e L.S. Cottrell, Jr.), Nova Iorque: Basic Books, Inc., 1959, p. 400-428.

<sup>4</sup> Cf. F. Le Play, *L'Ouvriers Européens*, 2 vols., Paris, 1955; Charles Booth, *Life and Labour of the People of London*, 18 vols., 1903; Sidney e Beatrice Webb, *The History of Trade-unionism* (1894) e *Industrial Democracy* (1897).

<sup>5</sup> Haire aponta como idéias básicas dos estudos de relações humanas e de dinâmica grupal: 1) participação, 2) nova concepção de liderança e técnicas de treinamento, e 3) padrões de comunicação. Mason Haire, “Group Dynamics in the Industrial Situation”, in A. Kornhauser, R.

Na década dos 40, a abordagem das relações humanas foi submetida à cerrada crítica por parte de muitos cientistas sociais<sup>6</sup>. A controvérsia resultante influenciou, não há dúvida, o curso das investigações desde então encetadas. Ela tem para nós clara relevância na formulação de uma problemática, para os países subdesenvolvidos em processo de industrialização.

Salientaram os críticos da escola das relações humanas os seguintes pontos: 1) Os seus estudos ignoravam a organização social mais ampla em que a empresa e o grupo de trabalho se inserem. Diz-nos Friedmann, por exemplo, que a alienação do trabalhador, o seu desarraigamento e a destruição dos laços comunais, provocados pelas alterações na estrutura ocupacional durante a segunda revolução industrial estariam na raiz de muitos fenômenos observados pelos analistas dos pequenos agrupamentos de operários dentro das organizações<sup>7</sup>. 2) As suas posições ideológicas e normativas não explícitas (distorção pró-direção empresarial e a correlata ideologia da cooperação e harmonia industriais) falseavam as suas observações e conclusões. 3) Os referidos estudos apresentavam – ainda devido aos mesmos valores – flagrante indigência teórica, resumindo-se a diagnósticos de situações, que em cada caso precisavam ser repetidos, como, por exemplo, a distorção clínica de Mayo manifestada no vocabulário e nas analogias feitas com a medicina.

Pode-se concordar desde já que algumas das críticas eram exageradas e às vezes mal formuladas, não correspondendo bem ao estado da sociologia do trabalho. Assim, por exemplo, são da mesma época as pesquisas feitas

---

Dubin e A. M. Ross (orgs.). *Industrial Conflict*, Nova Iorque: McGraw-Hill, 1954, p. 373-385.

<sup>6</sup> Ver, entre outros, C. W. Hart. “The Hawthorne Experiments”, *Canadian Journal of Economics and Political Science*, maio de 1943; Herbert Blumer, “Sociological Theory in Industrial Relations”, *American Sociological Review*, vol. 12, dezembro de 1947, p. 271-278; W. E. Moore. “Current Issues in Industrial Sociology,” *American Sociological Review*, vol. 12, junho de 1947, p. 651-657; Harold L. Sheppard, “The Treatment of Unionism in Management Sociology”, *American Sociological Review*, vol. 14, abril de 1949, p. 310-313; Reinhard Bendix e Lloyd Fisher, “The Perspectives of Elton Mayo”, *The Review of Economics and Statistics*, vol. 31, novembro de 1949. Uma avaliação crítica mais recente da escola das relações humanas é feita por Clark Kerr e Lloyd H. Fisher, “Plant Sociology: The Elite and the Aborigines”, in Mirra Komarovsky (org.), *Common Frontiers of the Social Sciences*, Glencoe: The Free Press, 1957, p. 281-309.

<sup>7</sup> *Problèmes Humains du Machinisme Industriel*, edição revista e aumentada, Paris: Gallimard, 1946.

por W. Lloyd Warner e J. O. Low, sobre a greve em Yankee City<sup>8</sup>, e a de William F. Whyte sobre o sindicato<sup>9</sup>, pesquisas essas que contraditam as afirmações de que a abordagem das relações humanas ignoravam o conflito industrial e as transformações econômicas e sociais mais amplas. Entretanto, também não se pode negar que aqueles críticos influenciaram a sociologia do trabalho no sentido de uma melhor colocação dos problemas no contexto da sociedade global, de interesse mais freqüente pela empresa como organização, de maior elaboração teórica das investigações e, no caso da pesquisa realizada com preocupação prática, de uma formulação mais clara do ponto de vista instrumental e dos objetivos a serem atingidos<sup>10</sup>.

Atualmente as duas primeiras tendências são perfeitamente discerníveis e merecem ser destacadas. Em primeiro lugar, nos últimos quinze anos, investigações feitas nos países industriais na sociologia do trabalho utilizaram-se do conceito de Max Weber de organização burocrática e, em segundo lugar, cada vez mais estudam-se problemas nesse campo como parte da sociedade global.

Não está claro em que medida o emprego do conceito de burocracia, em trabalhos tais como os de Blau, Turner, Davis, Francis e Stone, e Gouldner<sup>11</sup>, representa uma orientação nova de investigação, em relação aos feitos sob a perspectiva das relações humanas. As normas e a estrutura burocrática, às vezes, parecem neles ser usadas como uma das forças, ou fatores que, junto com as demais, derivadas da organização informal, nas quais concentram a atenção, ajudam a explicar o comportamento dos membros da organização. Progrediu-se além da antiga dicotomia

---

<sup>8</sup> *The Social System of the Modern Factory*, New Haven: Yale University Press, 1947. Esta pesquisa foi realizada durante a Grande Depressão, nos anos 30. Sobre as ligações de Warner com as pesquisas de Elton Mayo, ver as referências sobre o assunto em *Human Problems of an Industrial Civilization*, p. 122-143.

<sup>9</sup> *Patterns of Industrial Peace*, Nova Iorque: Harper & Brothers, 1951.

<sup>10</sup> Ver também o sumário das tendências da sociologia industrial feito por Jean-René Tréanton e Jean-Daniel Reynaud, “La Sociologie Industrielle 1951-62”, *La Sociologie Contemporaine*, vol. XII, n.º 2 (1963-64), p. 123-136.

<sup>11</sup> Peter M. Blau, *The Dynamics of Bureaucracy: A Study of Interpersonal Relations in two Government Agencies*, Chicago: The University of Chicago Press, 1955; Roy G. Francis e Robert C. Stone, *Service and Procedure in Bureaucracy: A Case Study*, Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1956; e Alvin W. Gouldner, *Patterns of Industrial Bureaucracy*, Londres: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 1955.

“organização formal” e “organização informal”? Em que medida apenas se mudou o vocabulário? Se não mais, parece que pelo menos encontramos nessas pesquisas uma mudança de foco. Ao invés de uma preocupação de explicar a própria organização informal, vemos um tratamento deliberado de como essa organização influencia (reforça, modifica ou anula) a formal (ou burocrática). O que antes se relegava a segundo plano, passa a ser o que se procura explicar. Por outro lado, e é isto que devemos sublinhar nesses estudos, por ser de interesse para os sociólogos de países em desenvolvimento econômico (países cuja organização social global acha-se portanto em rápida e drástica transformação), essas análises quase sem exceção não enfocam o que era fundamental para Max Weber, a formação mesma do padrão burocrático, a partir de padrões e estruturas de outra natureza (por exemplo, patrimonialistas). Conceitos da categoria deste último mal são mencionados naquelas análises. Isso é compreensível tendo-se em vista, de um lado, a tradição anterior da sociologia industrial nos países altamente industrializados, isto é, a tradição da abordagem das relações humanas, e, do outro, o grau de burocratização das empresas desses países. A herança intelectual européia faz-se sentir com maior nitidez nos estudos do segundo grupo que trataremos a seguir, onde são colocados os problemas das interrelações da indústria e da sociedade.

Mesmo pesquisas realizadas nos países industriais passaram com maior freqüência a serem feitas no contexto da organização social global e das grandes tendências de mudança social. Ainda mais significativo é o despertar do interesse pelos projetos de estudo comparativo. Do primeiro tipo de pesquisa, citemos um único exemplo que nos parece particularmente apropriado para sublinhar a modificação de ponto de vista havida, partindo-se dos estudos realizados com a abordagem pura das relações humanas. É representado pelo artigo de Goode e Fowler<sup>12</sup>, em que mostram resultados opostos aos de muitos estudos de relações humanas. Estudaram uma pequena fábrica fornecedora de peças para uma grande indústria de montagem de automóveis e os resultados obtidos só são explicáveis por essa inserção da fábrica na estrutura do ramo (e suas decorrências tais como o tipo de mão-de-obra empregada: marginal, de pequena probabilidade de

---

<sup>12</sup> William J. Goode e Irving Fowler, “Incentive Factors in a low Morale Plant”, *American Sociological Review*, vol. 14, n.º 5 (outubro de 1949), p. 618-624.

emprego alternativo). Nessa pequena empresa, como indica o título do trabalho, encontra-se uma correlação entre baixo moral e alto nível de produtividade. No mesmo sentido dessa pesquisa deve ser mencionado o artigo teórico de Siegel<sup>13</sup>, explicitando o “ambiente econômico das relações humanas no trabalho”.

A consciência, porém, por parte dos sociólogos dos países industriais, da necessidade de considerar, ao se estudar o que ocorre dentro da empresa, os fatores econômicos e sociais gerais, proveio dos trabalhos realizados em países subdesenvolvidos em vias de industrialização<sup>14</sup>. As análises levadas avante pelo Projeto Inter-universitário de Estudo da Mão-de-Obra durante o Desenvolvimento Econômico, onde a ênfase é posta no caráter da elite industrializadora (dinástica, de classe média, de intelectuais revolucionários, de administradores coloniais e de líderes revolucionários), constituem o exemplo mais frisante<sup>15</sup>. Nessas análises o caráter da administração, os modos de recrutamento do pessoal, as formas de sindicalismo e de conflito industrial etc., são relacionados a tais tipos de elite, alcançando-se assim uma visão das relações de trabalho inseridas na organização social global.

Preponderam ainda talvez as contribuições no sentido da concepção tradicional das relações humanas. A sua influência – a das idéias de Elton Mayo e de Kurt Lewin – transpõe as fronteiras dos Estados Unidos e pode ser facilmente observada em pesquisas, análises e ensino da sociologia do trabalho na França, na Inglaterra, e em muitos outros países<sup>16</sup>. As duas

---

<sup>13</sup> Abraham J. Siegel, “The Economic Environment in Human Relations Research”, in *Research in Industrial Human Relations: A Critical Appraisal* (orgs. C. M. Arensberg et al.), Nova Iorque: Harper & Brothers, 1957, p. 86-99.

<sup>14</sup> Whyte escreve sobre um “despertar súbito” (*rude awakening*) dos sociólogos americanos, decorrente do seu contato mais íntimo e freqüente com países industriais, não ocidentais, ou com aqueles em vias de desenvolvimento econômico. Ver William F. Whyte, *Men at Work*, Homewood: The Dorsey Press, 1961, p. 57-67, *apud* Jean-René Tréanton e Jean-Daniel Reynaud, *op. cit.*, p. 125.

<sup>15</sup> Ver as sínteses desses trabalhos em Frederick H. Harbison e Charles A. Myers, *Management in the Industrial World: An International Analysis*, Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., Inc., 1959, e Clark Kerr, John T. Dunlop, Frederick H. Harbison e Charles A. Myers, *Industrialism and Industrial Man: The Problems of Labor and Management in Economic Growth*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1960.

<sup>16</sup> Escrevem Tréanton e Reynaud: “On peut affirmer sans exagération que la plupart des

tendências que se notam na sociologia industrial e que foram, *grosso modo*, delineadas acima são, porém, as que mais interessam para os países que estão agora envolvidos no processo global de transformação de sua economia e sociedade. A ênfase deve ser na compreensão das relações de trabalho, dentro da matriz da organização da empresa e da estrutura social, vistas uma e outra como fenômenos em transformação. É este o modo de se colocar a problemática da sociologia nesse campo: com a perspectiva da sociedade em mudança, onde empresa, sindicato e pequenos agrupamentos de trabalho se inserem. Os fenômenos no nível da microsociologia do trabalho, se assim podemos nos expressar (motivação para o trabalho, chefia etc.), não podem ser entendidos isoladamente. A natureza dos padrões de organização da empresa precisam ser concebidos como em processo de mudança, como de fato estão. A própria sociedade de classes – e nessa a classe operária e a dos empresários industriais – acha-se em processo de constituição.

Os estudos reunidos neste volume foram realizados dentro dessa concepção. Fundamentam-se em duas pesquisas: uma de uma fábrica de tamanho médio da cidade de São Paulo (cujos resultados acham-se relatados principalmente nos capítulos 2 e 3), outra das indústrias de duas cidades do interior de Minas Gerais (cujo sumário encontra-se no capítulo 5). Os capítulos 4 e 6 utilizam-se, num amplo contexto de material comparativo, dos dados de ambas as investigações.

Os temas se entrelaçam. Os capítulos 2 e 6 tratam, respectivamente, da formação da classe operária e das modificações que por força da industrialização se operam na natureza da estratificação social. O caráter da organização da empresa – a permanência de elementos tradicionais e o processo de racionalização, entre outros problemas – é objeto de estudo nos capítulos 3 e 5. Aspectos particulares do trabalho industrial e da empresa, as comunicações internas e a motivação para o trabalho, respectivamente, vistos ambos na perspectiva da organização da empresa e na da sociedade,

---

travaux de sociologie industrielle publiés depuis 1945 portent l’empreinte de l’école de Harvard (encore désignée sous le nom d’école des relations humaines), dont ce livre (*Management and the Worker*) aura été l’un des grands moments. L’autre influence majeure qui s’y est ajoutée et qui a profondément marqué la période 1945-1950 est celle de Kurt Lewin et du groupe de chercheurs qu’il avait rassemblé autour de lui à l’Université de Michigan.” *Op.cit.*, p. 123.

são assunto dos capítulos 3 e 4. Esses são os temas mais amplos dentro dos quais caem as análises efetuadas nos vários capítulos. Relatos de pesquisa que são, não se poderia esperar tratamento exaustivo. Pretendem apenas ser contribuição para o esclarecimento desses temas.

Cabe ainda esclarecer que esses artigos são aqui republicados, com poucas exceções<sup>17</sup>, como apareceram pela primeira vez. Apresentam; portanto, certa duplicação de material (embora não de análise) que não nos pareceu inconveniente conservar.

---

<sup>17</sup> A principal exceção é constituída pelo capítulo 5 que teve alguns de seus parágrafos reescritos. A análise nesse caso foi alterada devido à elaboração do material de pesquisa, posterior à sua primeira publicação em 1961 pela revista *Sociologie du Travail*. Mudou-se pela mesma razão um pequeno trecho do último capítulo.